

Hobsbawm

Foi somente na década de 1830 que a literatura e as artes começaram a ser abertamente obsedadas pela ascensão da sociedade capitalista, por um mundo no qual todos os laços sociais se desintegravam exceto os laços entre o ouro e o papel-moeda (no dizer de Carlyle). A *Comédie Humaine* de Balzac, o mais extraordinário monumento literário dessa ascensão, pertence a esta década.

Honoré de Balzac – 1799-1850

Comédie humaine – 1842

Eugénie Grandet -1833

Rastignac: A partir de *Pai Goriot* Horace Biachon

Grandet (...) era, em 1789, um próspero mestre tanoeiro que sabia ler, escrever e contar. Quando a República francesa pôs à venda, em Saumur, os bens do clero, o tanoeiro, que então contava quarenta anos, acabava de desposar a filha de um rico comerciante de madeiras. Grandet dirigiu-se, então, munido de sua fortuna pessoal e do dote, num total de dois mil luíses de ouro, ao distrito, e ali, mediante uns dez mil francos oferecidos por seu sogro ao austero republicano que fiscalizava a venda dos bens nacionais, obteve, por uma ninharia, legalmente, senão legitimamente, os mais belos vinhedos das redondezas, uma velha abadia e algumas herdades.

Como os habitantes de Saumur eram pouco revolucionários, o pai Grandet passou a seus olhos por um homem ousado, republicano, patriota, por um espírito aberto às ideias novas, quando, na verdade, era aberto apenas às vinhas. Foi nomeado, então, membro da administração de Saumur e sua influência pacífica ali se fez sentir política e comercialmente. Politicamente, protegeu os partidários do antigo regime e impediu, com todo seu poder, a venda dos bens dos emigrados. Comercialmente, forneceu aos exércitos republicanos um ou dois mil barris de vinho branco, recebendo em pagamento magníficos prados pertencentes a uma comunidade de mulheres e que haviam sido reservados para vender em último lugar.

Sob o Consulado, Grandet tornou-se prefeito, administrou sabiamente e vindimou melhor ainda. Sob o Império, voltou a ser o sr. Grandet. Napoleão não gostava dos republicanos e substituiu o sr. Grandet, que constava ter usado o barrete vermelho, por um grande proprietário gentil-homem, um futuro barão do Império. Grandet abandonou as honrarias municipais sem o mínimo pesar. Havia construído, no interesse da cidade, excelentes estradas que iam ter às suas propriedades. Sua casa e suas terras, lotadas vantajosamente, pagavam impostos baixos. (...) Grandet podia ter pedido, então, a cruz da Legião de Honra.

Isto ocorreu em 1806. Grandet tinha, nessa ocasião, cinquenta e sete anos, e sua mulher cerca de trinta e seis. Havia uma filha única, de dez anos, fruto de seus amores legítimos. Grandet, a quem a Providência quis, sem dúvida, consolar de sua desventura administrativa, herdou sucessivamente, durante aquele ano, da sra. Gaudinière (...) mãe da sra. Grandet; depois, do velho La Bertellière, pai da falecida; e ainda da sra. Gentillet, sua avó materna. Três heranças cuja importância ficou ignorada de todos. A avareza daqueles velhos era tão apaixonada que havia muito tempo vinham amontoando o dinheiro para poderem admirá-lo secretamente. (...) Grandet obteve, então, um novo título de nobreza, que nossa mania de igualdade jamais extinguirá: tornou-se o maior contribuinte do lugar. Cultivava cem jeiras de vinha que, nos anos férteis, lhe davam setecentos a oitocentos barris de vinho. Possuía treze herdades, uma velha abadia (...) e cento e vinte e sete jeiras de prados onde cresciam e engrossavam três mil olmos plantados em 1793. Enfim, a casa de moradia lhe pertencia. Tal

era a sua fortuna visível. Quanto a seus capitais, duas únicas pessoas podiam vagamente presumir-lhes a extensão: um era Cruchot, tabelião, encarregado de colocar a juros o dinheiro de Grandet; o outro, de Grassins, o mais rico banqueiro de Saumur, de cujos lucros o vinhateiro participava secretamente. Embora o velho Cruchot e o sr. des Grassins possuíssem essa profunda discrição que gera, na província, a confiança e a fortuna, tamanho era o respeito que testemunhavam publicamente a Grandet que os curiosos podiam avaliar o vulto dos capitais do antigo prefeito pela obsequiosa consideração de que era alvo.

A grande Nanon era, talvez, a única criatura humana capaz de suportar o despotismo do patrão. Toda a cidade cobiçava arrebatá-la do casal Grandet. A grande Nanon, assim chamada devido à sua elevada estatura de cinco pés e oito polegadas [1,72m], pertencia a Grandet havia trinta e cinco anos. Embora ganhasse apenas sessenta libras de ordenado, passava por ser uma das empregadas mais ricas de Saumur. Essas sessenta libras, acumuladas durante trinta e cinco anos, lhe haviam permitido colocar recentemente quatro mil francos a juros com o tabelião Cruchot. O resultado das longas e persistentes economias da grande Nanon foi considerado gigantesco. Qualquer empregada, ao ver assegurado o pão dos dias de velhice da pobre sexagenária, a invejava, sem pensar na dura servidão pela qual ele fora adquirido.

Um franco equivalia aproximadamente a uma libra, e tinha o valor legal de 4,5 gramas de prata. (wiki *Système monétaire de l'Ancien Régime*)

A prata vale, hoje, algo em torno de 2,3 reais por grama. Assim Nanon ganhava 620 reais por ano, e possuía algo em torno de 18 mil reais.

Aos vinte e dois anos, a pobre moça não havia conseguido empregar-se em casa de ninguém, tanto seu aspecto era repelente. Esse sentimento, na realidade, era completamente injusto: seu rosto teria sido muito admirado sobre as espáduas de um granadeiro da guarda. Mas, como se diz, cada coisa tem seu lugar. Obrigada a abandonar uma herdade incendiada onde cuidava das vacas, foi para Saumur à procura de serviço, animada dessa robusta coragem que a nada se recusa. Grandet pensava então em casar-se e já estava tratando de montar casa. Deparou com aquela rapariga, rejeitada de porta em porta. Conhecedor, como tanoeiro, da força corporal, percebeu a vantagem que se poderia tirar de uma criatura fêmea com um talhe de Hércules, sólida sobre os pés como um carvalho de sessenta anos sobre suas raízes, forte de ancas, dorso quadrado, mãos de carreteiro e uma probidade vigorosa como a sua intata virtude. Nem as verrugas que ornavam aquele rosto marcial, nem a tez cor de tijolo, nem os braços musculosos, nem os andrajos de Nanon espantaram o tanoeiro, que se encontrava ainda na idade em que o coração palpita. Vestiu, calçou e alimentou a pobre moça, deu-lhe um ordenado e a empregou sem maltratá-la muito.

Vendo-se assim acolhida, a grande Nanon chorou secretamente de alegria e se afeiçoou sinceramente ao tanoeiro, que, por sua vez, a explorou feudalmente. Nanon fazia tudo (...) Defendia, como um cão fiel, os bens do patrão. Enfim, cheia de uma cega confiança nele, obedecia sem queixa às suas fantasias mais extravagantes.

A necessidade tornou a pobre moça tão avarenta que Grandet terminou por amá-la como se ama a um cão, e Nanon deixou que lhe colocassem no pescoço uma coleira cheia de pontas, cujas picadas não lhe doíam mais.

A ação se inicia com o aniversário de Eugênia, quando Grandet está concertando a escada de casa e os pretendentes da mão de Eugênia chegam para o aniversário. Ela está completando, como seu pai lhe diz, 23 anos.

O Sr. Charles Grandet, belo rapaz de vinte e dois anos, produzia nesse momento um singular contraste com os bons provincianos, nos quais suas maneiras aristocráticas começavam a revoltar (...)

A fim de se estrear convenientemente na casa do tio (...) vestira a mais elegante roupa de viagem, a mais simplesmente requintada (...). Em Tours, um cabelereiro tornara a frisar-lhe os lindos cabelos castanhos (,,).

Somente um parisiense, e um parisiense da mais alta esfera, seria capaz de se vestir assim sem parecer ridículo.

Grandet não quer mais uma boca para alimentar. Eugênia lhe dá o seu tesouro – conjunto de moedas acumulado com as moedas que o pai lhe dava no primeiro dia do ano e no aniversário dele – que ele promete devolver quando voltar. Prometem se casar quando isso ocorrer.

— Não compreendo, Nanon — disse um dia Eugênia ao deitar-se —, por que ele não me escreveu uma só vez em sete anos!

Enquanto se desenrolavam esses acontecimentos em Saumur, Charles fazia fortuna nas Índias. (...) O batismo à passagem do Equador fê-lo abandonar muitos preconceitos. Percebeu que o melhor meio de alcançar fortuna era, tanto nas regiões intertropicais como na Europa, a compra e a venda de homens. (...) Empregou nos negócios uma atividade que não lhe deixava um momento de folga. Dominava-o a ideia de reaparecer em Paris em todo o esplendor de uma grande fortuna, e de conquistar uma posição mais brilhante ainda do que aquela que perdera. À força de rolar através dos homens e dos países e de observar seus contraditórios costumes, suas ideias se modificaram e ele se, tornou cético. Deixou de ter noções fixas sobre o justo e o injusto ao ver tachar de crime num país o que em outro era considerado virtude. Naquele constante contato com interesses materiais, seu coração esfriou, contraiu-se, secou. **O sangue dos Grandet não falhou ao seu destino.** Carlos tornou-se cruel e ganancioso.(...) Vendeu chineses, negros, ninhos de andorinha, crianças, artistas.

Vê você, prima, com que boa-fé eu lhe exponho o estado de meu coração, de minhas esperanças e de minha fortuna. É possível que, de sua parte, você tenha esquecido nossas infantilidades, após sete anos de ausência. Eu, porém, não esqueci a sua indulgência nem as minhas palavras (...). Dizendo-lhe que não penso senão em fazer um casamento de conveniência, e que ainda me lembro de nossos amores de criança, coloco-me inteiramente à sua discrição, tornando-a senhora da minha sorte. E com isso também lhe manifesto que se for preciso renunciar às minhas ambições sociais, eu me contentarei de boa vontade com a simples e pura felicidade da qual você já me ofereceu tão comoventes imagens...

— Senhor presidente — disse-lhe Eugênia com uma voz cheia de emoção, quando ficaram a sós —, sei o que lhe agrada em mim. Jure que me deixará livre durante toda a minha vida, que não exigirá nenhum dos direitos que o casamento lhe conferirá sobre minha pessoa, e a minha mão será sua. Oh — exclamou, ao vê-lo atirar-se de joelhos —, ainda não disse tudo. Não devo enganá-lo. Tenho no coração um sentimento imperecível. A amizade será o único sentimento que poderei ter para com o meu marido. Não quero ofendê-lo nem violar as leis

do meu coração. O senhor, porém, só possuirá minha mão e minha fortuna ao preço de um imenso serviço.

— Estou disposto a tudo — disse o presidente.

— Aqui tem um milhão e quinhentos mil francos, senhor presidente — disse ela tirando do seio um recibo de cem ações do Banco da França. — Parta para Paris. Não amanhã, nem esta noite, mas agora mesmo. Vá à casa do sr. des Grassins, peça-lhe o nome de todos os credores de meu tio, reúna-os e pague tudo quanto sua sucessão possa dever, capital e juro (...) Trate, enfim, de obter uma quitação completa e registrada em cartório, com todas as formalidades (...)

— Quando tiver a quitação — continuou ela, lançando-lhe um olhar frio —, o senhor a levará, com todos os títulos, a meu primo Grandet e lhe entregará esta carta. Quando o senhor voltar, cumprirei a minha palavra. O presidente compreendeu que devia a mão da srta. Grandet a um despeito amoroso. Assim, apressou-se a executar suas ordens com a maior rapidez, a fim de que não se verificasse nenhuma reconciliação entre os dois namorados.

Quando o sr. de Bonfons partiu, Eugênia caiu sobre a poltrona e se desfez em lágrimas. Tudo estava consumado.

É apenas quando recebe a quitação que Carlos percebe que Eugênia é rica, algo que ele nunca havia suposto.

O seu marido morre uns três anos depois, e ela herda toda a sua fortuna. O livro termina com a possibilidade de um novo casamento

Senhora (1874). Aurélia, como Eugênia, amava um homem (Fernando Seixas) que havia lhe pedido a mão, mas a trocou por outra que tinha mais dinheiro (Adelaide Amaral - Amaralzinha) . Só que a heroína de Alencar, recebendo uma herança do avô (Lourenço de Souza Camargo – o pai filho natural Pedro de Camargo e a esposa D. Emília de Lemos), soube usar o dinheiro que recebeu para *comprar* aquilo que gostaria de ter *ganho*.

Todas as quatro partes do romance relacionam-se com o mundo financeiro:

O preço / Quitação / posse / resgate

- O passado está extinto. Estes onze meses, não fomos nós que os vivemos, mas aqueles que se acabam de separar, e para sempre. Não sou mais sua mulher; o senhor já não é mais meu marido. Somos dois estranhos. Não é verdade? Seixas confirmou com a cabeça. - Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. A moça travara das mãos de Seixas e o levava arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela infligira ao mancebo ajoelhado a seus pés, a cruel afronta. - Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma. Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em fêrvido beijo, quando um pensamento funesto perpassou no espírito do marido. Ele afastou de si com um gesto grave a linda cabeça de Aurélia, iluminada por uma aurora de amor, e fitou nela o olhar repassado de profunda tristeza.

- Não, Aurélia! Tua riqueza separou-nos para sempre.

A moça desprende-se dos braços do marido, correu ao toucador, e trouxe um papel lacrado que entregou a Seixas.

- O que é isto, Aurélia?

- Meu testamento.

Ela despedaçou o lavre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituíu seu universal herdeiro. - Eu o escrevi logo depois do nosso casamento; pensei que morresse naquela noite, disse Aurélia com gesto sublime. Seixas contemplava-a com os olhos rasos de lágrimas.

- Esta riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a dissiparei.

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.

Faltou a Eugênia o *savoir faire* que teve Aurélia: nunca frequentou os bailes, não soube como o mundo funcionava, não lhe passou pela cabeça comprar o marido que não poderia ter de outra forma.

Quando o cura da paróquia veio administrar-lhe os sacramentos, seus olhos, aparentemente mortos havia algumas horas, se reanimaram à vista do crucifixo, dos candelabros, da caldeirinha de prata. Encarou-os fixamente, e o lobinho do nariz se moveu pela última vez. Quando o padre lhe aproximou dos lábios o crucifixo de prata para que ele beijasse a imagem de Cristo, tentou um gesto terrível para agarrá-lo. Esse último esforço custou-lhe a vida. Chamou Eugênia, a quem já não via, embora estivesse ajoelhada à beira da cama banhando-lhe de lágrimas a mão já enregelada. — Papai, abençoa-me — pediu ela. — Cuida bem de tudo! Terás de me dar conta disto, no outro mundo — disse, provando, com esta última frase, que o cristianismo deve ser a religião dos avarentos.

O livro parece dividir os personagens em dois mundos estanques: em um polo aqueles que são movidos por valores econômicos, de que Grandet seria o grande representante, mas que incluiria outros, como o Sr. De Bonfons, e mesmo duas mulheres bastante hábeis, a Sra de Grasins e a Marquesa D'Aubrion, ambas com um grande senso prático.

— Se eu tivesse um homem que fosse meu, eu o teria... seguido até o inferno. Eu teria... que... Enfim, eu teria querido morrer por ele. Morrerei sem saber o que é a vida. A senhorita acredita que esse velho Cornoiller, que é um homem bom apesar de tudo, anda rodeando a minha saia por causa do meu dinheiro, como esses que vêm aqui farejar a fortuna do patrão fazendo-lhe a corte? Vejo isso porque sou fina, apesar de grossa como uma torre. Pois bem, senhorita, isso me agrada, embora não seja amor.

Um de seus primeiros atos foi dar mil e duzentos francos de renda vitalícia a Nanon, que, com os seiscentos outros francos que já possuía, se tornou um rico partido. Em menos de um mês, passou de donzela a senhora, sob a proteção de Antônio Cornoiller, que foi nomeado guarda geral das terras e propriedades da srta. Grandet.

Ao sair da velha casa, Nanon, que era estimada por toda a vizinhança, não recebeu senão cumprimentos enquanto descia a rua tortuosa dirigindo-se à igreja. Como presente de

núpcias, Eugênia lhe deu três dúzias de talheres. Cornoiller, surpreso com tal magnificência, falava da patroa com lágrimas nos olhos. Seria capaz de se fazer cortar em pedaços por ela. Tornada a mulher de confiança de Eugênia, a sra. Cornoiller desfrutou, desse dia em diante, uma felicidade para ela igual à de possuir um marido. Passou a ter, afinal, uma despensa para abrir e fechar, provisões a distribuir pela manhã, como fazia seu finado patrão. Além disso, tornou-se chefe de duas empregadas, uma cozinheira e uma criada de dentro encarregada de manter em ordem a roupa da casa e fazer os vestidos da senhorita. Cornoiller acumulou as funções de guarda e administrador. É inútil dizer que a cozinheira e a criada de dentro escolhidas por Nanon eram verdadeiras pérolas. A srta. Grandet tinha, assim, quatro servidores cuja dedicação não conhecia limites. Os granjeiros não se aperceberam da morte do velho, tão severos eram os usos e os costumes de sua administração, que foi cuidadosamente continuada pelo casal Cornoiller.

Nanon e Cornolier vão manter vivo o espírito de Grandet

Há alguns dias, fala-se num novo casamento para Eugênia. O noivo seria o marquês de Froidfond, cuja família começa a cercar a rica viúva, como outrora fizeram os Cruchot. Dizem que Nanon e Cornoiller auxiliam as pretensões do marquês. Nada é mais falso do que isso. Nem a grande Nanon nem Cornoiller têm inteligência suficiente para compreender as corrupções do mundo.
